

# I CONGRESO IBEROAMERICANO DE DOCENTES

CONGRESO VIRTUAL DEL 26 NOVIEMBRE AL 08 DICIEMBRE DE 2018

ALGECIRAS (CÁDIZ) DEL 06 AL 08 DICIEMBRE DE 2018

Actas del Congreso Iberoamericano de Docentes

Estágio Curricular Supervisionado no Curso de  
Pedagogia – Um campo aberto para pesquisa em  
educação

Cláudia Maisa Antunes Lins

ISBN: 978-84-948417-0-5

Edita **Asociación Formación IB.**

Coordinación editorial: **Joaquín Asenjo Pérez, Óscar Macías Álvarez, Patricia Ávalo Ortega y Yoel Yucra Beisaga**

Año de edición: **2018**

Presidente del Comité Científico: **César Bernal.**

El I Congreso Iberoamericano de Docentes se ha celebrado organizado conjuntamente por la Universidad de Cádiz y la Asociación Formación IB con el apoyo del Ayuntamiento de Algeciras y la Asociación Diverciencia entre otras instituciones.

<http://congreso.formacionib.org>



red  
iberoamericana  
de docentes



formaciónib))

# **Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Pedagogia – Um campo aberto para pesquisa em educação**

Cláudia Maisa Antunes Lins<sup>1</sup>

maisantunes@yahoo.com.br

## **Resumo:**

Este trabalho tem origem a partir da atuação, como docente, no curso de Pedagogia, Departamento de Ciência Humanas, Campus III, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bahia – Brasil. O curso tem um currículo orientado por núcleos: Educação Infantil e Anos Iniciais, Educação de Jovens e Adultos e Educomunicação. Os estudantes são orientados a mobilizarem os conhecimentos práticos, a partir de observações e intervenções que realizam mediante os componentes Estágio Curricular Supervisionado I, II, III e IV. Nossa experiência com o componente Estágio Curricular Supervisionado II acontece no Núcleo de Educação Infantil; a ementa atual “Discute o perfil do professor da educação infantil e anos iniciais; organização do trabalho pedagógico na educação infantil e anos iniciais; processos de investigação e conhecimento da realidade; elaboração e execução de projeto de estágio em educação infantil e anos iniciais, planejamento e avaliação com contribuição e orientação das demais disciplinas deste núcleo, num trabalho interdisciplinar.” O curso tem também orientação de formação para pesquisa. Entretanto a preocupação com delimitações de uma linguagem técnica acerca de objetivos, procedimentos, justificativas e avaliações, etc., de projetos pedagógicos, colabora para que os estudantes deixem para trás as particularidades e as pluralidades de suas experiências no estágio; diante da situação propusemos diversificados tipos de leituras para ampliação de um repertório que cruzasse reflexões com a educação, exemplo, a literatura e a sociologia. Quanto a escrita propomos relatos orais e escritos, livres do enquadramento científico, posteriormente, de posse dos registros das experiências, avançássemos numa hermenêutica, que nos permitisse ver de perto os gestos da educação.

**Palavras-chaves:** Estágio Curricular Supervisionado; Formação Docente; Pesquisa em Educação; Experiência.

## **As aulas de Estágio Supervisionado II**

---

<sup>1</sup> Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil. Processo nº 0543-14-4.

Durante duas semanas, uma em maio, outra em junho de 2018, o grupo de onze estudantes do 6º semestre, curso de Pedagogia, no âmbito do componente Estágio Curricular Supervisionado II, por mim orientado, esteve em atuação nas escolas públicas municipais, Juazeiro – Bahia – Brasil, para a primeira semana de estágio, com o fim de realizar atividades práticas com crianças da Educação Infantil e Anos Iniciais. Estas estudantes fazem parte do Núcleo Educação Infantil, do Departamento. Durante nossos encontros, vivenciamos experiências diversificadas: começando pelas apresentações dos relatórios de Estágio Curricular Supervisionado I (do semestre anterior), e avançamos em diferentes tipos de leituras, que nos mobilizou em torno dos aspectos: experiência, infância, escola, saberes e pesquisa.

Seus relatórios trouxeram diversificadas situações do contexto das escolas: a gestão; a estrutura física; os Projetos Políticos Pedagógicos – PPP's; as salas de Atendimento Educacional Especializado – AEE; a organização das carteiras; os rituais de entrada e saída que marcam uma cultura escolar. Em seus relatos orais as estudantes testemunharam algumas situações de difícil administração, como: brigas entre as crianças, falta de domínio de classe de alguns professores, tensões das relações hierárquicas, bem como situações de importação de programas educacionais de outros estados e mesmo da nação, onde os professores se tornam executores de projetos, o que dificulta o exercício de uma docência no âmbito de uma experiência da tão anunciada gestão democrática. Observaram que as crianças passam muito tempo só com os livros didáticos e tarefas, estão sempre sentadas, enfileiradas, sem intervalos para brincar. De acordo com o relato das estudantes, a falta do recreio é uma medida educativa da Secretaria de Educação, que suprimiu das crianças este direito.

Conversamos sobre essa realidade a partir de alguns textos: excerto de *As Cidades Invisíveis* (Calvino, 1990), que compreende uma conversa entre Marco Polo e Kublai Khan, onde fala-se sobre o passado que muda de acordo com a viagem do viajante, um passado que pode ser mudado. Ilustramos nossa conversa, com essa passagem, vendo as experiências de Estágio de Observação, como um passado que precisa ser mudado, e como elas (as estudantes) poderiam orientar seu próprio presente com base no que tinham vivido (no passado) e no que iriam viver (no presente). Depois refletimos, a partir de um texto autobiográfico *Sobre a Língua em comum* (Santos, 2014), a perspectiva do passado como elucidação do presente, uma situação vivenciada pelo sociólogo, em campo empírico, que abriu uma fenda para repensar as ciências sociais na época, impulsionando-o na recriação de outra hermenêutica. Esse texto orientou o debate sobre a vivência com o universo escolar como um cenário estimulante diante de dois aspectos: primeiro como oportunidade de nos descortinar paisagens difíceis; segundo, como um lugar onde podemos criar experiências bonitas e indignarmo-nos para lutar contra situações homogeneizantes.

No que diz respeito a infância investimos em leituras poéticas, literárias, permitindo-nos contemplar esta condição existencial em três infâncias, com base nas memórias de Manoel de Barros (2006). Estivemos diante dos livros: *Memórias Inventadas – A infância*; *Memórias Inventadas – A Segunda Infância*; e *Memórias Inventadas – A Terceira Infância*. Essas leituras nos impulsionaram a olhar para este universo como uma condição própria de ser, apesar do investimento consolidado na modernidade ocidental de negação da infância, e do brincar. As obras de Manoel de Barros abriu-nos a possibilidade de olhar do ponto de vista da criança. A intenção era exercitar esse olhar próprio da infância, com curiosidade, espanto e alegria.

Ainda nas reflexões em torno da criança, envolvendo o contexto escolar, refletimos a partir de leituras de cinco livros, distribuídos em grupos: *Fomos Maus*

*Alunos* (Alves & Dimenstein, 2003), *Encantar o Mundo pela Palavra* (Alves & Brandão, 2006), *Entre a Ciência e Sapiência* (Alves, 1999), *Estórias de quem gosta de ensinar* (Alves, 2000); *A Pedagogia dos Caracóis* (Alves, 2011). Os dois primeiros são compostos por conversas entre poetas e educadores; o primeiro entre Rubem Alves e Gilberto Dimenstein, que trazem suas próprias experiências com a escola; o segundo entre Rubem Alves e Carlos Brandão, em torno da importância da palavra quando chega ao coração; a beleza do encontro da poesia/da literatura com as pessoas. Os demais livros são compostos por contos e crônicas que trazem relatos envolvendo a vida, a infância, a imaginação, a educação.

Para pensarmos a escola como espaço de convivência de diferentes culturas, e assegurarmos a relação entre a experiência no estágio e a pesquisa em educação fizemos a leitura do último capítulo do livro de Vera Candau, *Rumo a uma Nova Didática* (2005); o livro traz uma abordagem bastante interessante da potência para pesquisa que o ambiente escolar oferece. Nesse cenário para abordarmos a escola dentro do contexto da sociedade moderna ocidental, pensando na conjuntura da luta pela justiça cognitiva, numa realidade de diversidades de saberes, desenvolvemos uma leitura, inicial, do texto *A ecologia de Saberes* (Santos, 2010). Com este texto começamos a sonhar com uma escola que proporcione um sistema aberto de conhecimento, entretanto também refletimos que para isso é necessário investir em processos de descolonização da educação.

Diante do que observaram, do que leram e refletiram, as estudantes decidiram continuar nas mesmas escolas, para tentarem desenvolver atividades que suprisse algumas carências identificadas. De acordo com as estudantes, as crianças não estavam brincando e, para elas, isso estava interferindo no modo de estar das crianças. Em consideração a esta situação, setenta por cento da turma dedicou-se para desenvolver atividades de ludicidade, jogos, brincadeiras, contação de histórias; e trinta por cento arriscou-se, sem pretensões pedagógicas, experimentar a linguagem artística através da poesia e literatura, com momentos de partilha de poemas e crônicas. As estudantes estiveram livres do enquadramento do formato técnico de planejamento. O mais importante era levar atividades que trouxessem alegria não só para as crianças, mas para elas também; oferecer outros cenários de aprendizagens.

## **O retorno do estágio**

No retorno acrescentamos às nossas leituras mais dois textos: os primeiros capítulos dos respectivos livros: *Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever*, de Emília Ferreiro (2012); e *Tremores: Escritos sobre experiências*, de Jorge Larrosa (2016). O primeiro nos proporcionou pensar acerca da importância do viver um texto, um conto, um livro com as crianças, de como essa vivência pode nos levar a compreender que ler não é apenas um domínio técnico, ler e escrever não significam atividades homogêneas; ler e escrever são construções sociais e que há diversificadas relações com os textos, que envolvem processos de diferentes níveis de identificações e reconhecimentos. O segundo texto nos levou a aprofundar o sentido do tempo de estágio como experiência, com a consciência de que estamos diante de uma paisagem composta de várias facetas, que envolve a própria vida e também a cultura escolar; um cenário de diversas aprendizagens, tanto das crianças entre si e com os professores, e destes entre si e com as crianças.

Os seus relatos, em forma escrita e em depoimentos orais, foram somados aos seus planos de trabalho, de forma que pudessem contemplar o paralelo entre o planejado e o realizado. Nessa atividade de escrita foram expondo os limites, ao se depararem com a prática. Trouxeram diferentes situações, que envolvia desde uma dificuldade de aprendizagem da criança, ou de condução do professor e até mesmo situações de falta de afetividade na prática pedagógica; com estes apontamentos mostraram os diversos gestos da educação. Cada experiência, em dupla ou individual, funcionou como janelas que se abriam e nos mostravam diversas paisagens da educação. Além do documento escrito, tivemos um momento de relato oral, que foi gravado (tendo duração de 1h40min) e transcrito. A decisão pelos relatos (escritos e orais) livrou-nos do formato convencional de relatório de estágio; vivenciamos os testemunhos trazidos na temperatura da palavra dita (escrita ou falada).

Do decorrer do Estágio Curricular Supervisionado III, atual semestre, a transcrição está sendo lida; um exercício de ler a própria palavra. Os destaques navegam entre diversas camadas da educação formal:

- “As crianças têm personalidades; e elas participam; se você diz: Vamos fazer!; elas respondem: Vamos!” (Edileide Mesquista, 2018);
- “Tem um menino na sala, oito anos, ele só fala gritando; ele chega e dá um tapa no colega; percebi que a professora não estava dando conta dele; aproximei-me dele e perguntei: Por que você está batendo no coleguinha? Eu levei um belo nome de puta.” (Jéssica Freitas, 2018);
- “A agressividade é uma realidade que existe na escola.” (Cícera Viana, 2018);
- “Fica difícil explicar porque eles não param um momento para escutarem, mas apesar disso a gente conseguiu.” (Andressa Maia, 2018);
- “Grita tia, grita tia!” Fala uma criança para a estagiária Keyla Alves, na ocasião do barulho. “É quase como se dissesse: a gente só obedece no grito” (Keyla Alves, 2018);
- “Uma criança dançava enquanto fazia a atividade, mas a professora não gostou.” (Isabela Ribeiro, 2018);
- “O que vocês estão falando da agitação deles, é por uma coisa, eles não brincam. Os meninos não brincam! Eles são crianças, eles querem brincar.” (Hellen Menezes, 2018);
- “Tentei ao máximo conversar com eles, descobrir os nomes deles, descobrir quem eles eram.” (Luciana Vieira, 2018);
- “A questão da leitura ainda é da mesma maneira, mecânica.” (Keyla Alves, 2018);
- “Está certo? Me ensine.” Diz uma criança para a estagiária Ruama Barbosa;
- “Senti dificuldade foi no momento das brincadeiras, acho que o tipo de brincadeira que levamos não era adequado pra idade deles.” (Ruama Barbosa e Thabata dos Santos, 2018);
- “Eu aprendi muita coisa com a professora.” (Adriene Marques, 2018).

Tais excertos dos relatos das estudantes não apresentam a intenção da tarefa cumprida com êxito, mas da experiência vivida com consciência. Para este semestre estamos na escuta de Humberto Maturana, para vislumbrar o abismo do pensamento moderno que desdenhou do brincar; de Paulo Freire para tentarmos recuperar a potência de comunicação da educação; de José Pacheco para nos arriscarmos em algumas experiências no contexto da escola formal; de Alexandre Neill para conhecermos ainda mais as crianças e a influência de diferentes esferas que as afetam. Fecharemos o atual semestre com filmes que envolvem o universo da infância.

## **Bibliografia:**

ALVES, Rubem (1999). *Entre a Ciência e a Sapiência. O dilema da educação*. São Paulo: Edições Loyola.

\_\_\_\_\_ (2000). *Estórias de quem gosta de ensinar: O fim dos vestibulares*. Campinas São Paulo: Papirus.

\_\_\_\_\_ (2011). *A pedagogia dos caracóis [recurso eletrônico]*. Capinas, SP: Verus.

ALVES, Rubem & BRANDÃO, Carlos Rodrigues (2006). *Encantar o Mundo pela palavra*. Campinas, SP: Papirus.

BARROS, M. de (2006). *Memórias Inventadas: a infância*. Iluminuras de Martha Barros – São Paulo: Editora Planeta do Brasil.

\_\_\_\_\_ (2006). *Memórias Inventadas: a segunda infância*. Iluminuras de Martha Barros – São Paulo: Editora Planeta do Brasil.

\_\_\_\_\_ (2006). *Memórias Inventadas: a terceira infância*. Iluminuras de Martha Barros – São Paulo: Editora Planeta do Brasil.

CALVINO, Ítalo (1990). *As cidades invisíveis*; Tradução Diogo Mainardi. – São Paulo: Companhia das Letras, 27-29.

CANDAU, Vera Maria (2012). *Rumo a uma nova didática* (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 193-205.

DIMENSTEIN, Gilberto & ALVES, Rubem (2003). *Fomos maus alunos*. Campinas, SP: Papirus.

FERREIRO, Emília (2012). *Passado e Presente do Verbos Ler e Escrever*. Tradução: *Claudia Berliner* – São Paulo: Cortez, 11-40.

LARROSA, Jorge (2016). *Tremores: Escritos sobre experiências*. Belo Horizonte, Editora: Autêntica, 15-34.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2010). *A Gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto – Portugal: Editora Afrontamento, 127-153.

\_\_\_\_\_ (2014). *O direito dos oprimidos*. Coimbra – Portugal: Edições Almedina, 161-169.

FREIRE, Paulo (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 89-139.

MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZÖLLER, Gerda (2004). *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano*. Tradução de Humberto Mariotii e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 221-246.

NEILL, Alexander S. *A liberdade resulta*. In: NEILL, Alexander S. & ADAMS, Paul (1971). *Os direitos da criança*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 91-146.

Pacheco, José (2014). *Aprender em comunidade* – São Paulo: Edições SM.